

ADORNO E A POESIA TARDIA DE HÖLDERLIN

Sara Juliana Pozzer Silveira¹

Resumo: O artigo trata da compreensão de Theodor Adorno sobre a poesia de Hölderlin enfatizando o conceito de "parataxis". A compreensão da parataxis mostrará porque a linguagem da poesia é distinta da linguagem discursiva. Também analisaremos as críticas de Adorno sobre a interpretação heideggeriana da poesia de Hölderlin. O objetivo desta análise é clarificar a posição de Adorno.

Palavras-chave: Adorno, Estética, Poesia, Parataxis, Hölderlin.

Abstract: The article deals with the understanding of Theodor Adorno on the poetry of Hölderlin emphasizing the concept of "parataxis". The understanding of parataxis will show why the language of poetry is distinct from discursive language. Also examine the criticisms of Adorno on the interpretation of Heideggerian poetry of Hölderlin. The objective of this analysis is to clarify the position of Adorno.

Keywords: Adorno, Aesthetics, Poetry, Parataxis, Hölderlin.

(...) um homem fiel gosta de olhar para dentro da noite, sim convém mesmo votar-lhe coroas e cânticos, pois ela é sagrada aos errantes e aos que morreram. Mas mantém-se a si própria, eterna, em libérrimo espírito. Mas também a nós – para que em tempo indeciso, para que em trevas haja para nós algo de palpável. Ela tem de dar-nos o esquecimento e a ebriedade sagrada. De dar-nos o verbo fluente que, como os amantes, nunca adormeça e taça mais cheia e vida mais ousada. E memória sagrada também. Que a noite nos mantenha em vigília. (Hölderlin, "Pão e Vinho", [Brot und Wein])

1. A interpretação adorniana de Hölderlin e a crítica a Heidegger

Para Adorno, toda obra de arte, devido a seu caráter monadológico, quer ser compreendida a partir de seus próprios elementos, de sua imanência. Entretanto, nenhuma consegue porque, para tal, elas necessitam do conceito. Isto torna a interpretação filosófica essencial para a determinação do conteúdo de verdade da obra. A estética de Adorno compreende a linguagem em estreita

¹ Professora da Universidade Federal de Mato Grosso. Doutora em Filosofia (Estética) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Este artigo é inspirado no capítulo cinco de minha Tese de doutorado. Endereço eletrônico: sarapozzer@gmail.com

correlação com a sociedade, assim, as palavras já carregam seu sentido (historicamente determinado), bem como a estrutura da linguagem, seu caráter sintético, é a expressão da razão como domínio da natureza. Por isso, a poesia só consegue escapar ao sentido dado e à coerção da síntese quando sua configuração interna expressa “mais do que a estrutura denota” (ADORNO, 2003, p. 433)². O que significa este excedente a partir da imanência? São as passagens mais obscuras dos poemas que derivam do silêncio do factual, quer dizer, as passagens onde se procura expressar algo que as convenções linguísticas não dão conta. O conteúdo de verdade somente é possível nesta “negação determinada do sentido” (ADORNO, 2003, p. 433)³, ou seja, justamente onde a poesia procura evadir-se sob pena de falsear seu objeto, perdendo-o na estrutura convencional da linguagem.

Muitas vezes a configuração linguística da poesia ultrapassa o que é intencionado pelo autor (ADORNO, 2003, p. 434)⁴. Adorno vai na “contracorrente” da filologia da época, pois esta insistia na análise das intenções do autor para livrar a poesia de interpretações metafísicas alheias a seu teor. Ora, para Adorno, a intenção é só um momento entre outros, como, por exemplo, “o assunto, a lei imanente da obra e –sobretudo em Hölderlin – a forma linguística objetiva” (ADORNO, 2003, p. 430)⁵. Ele afirma que os artistas sujeitam-se à coerção da obra e que “esta é melhor conseguida quanto mais é superada, sem deixar rastro no configurado” (ADORNO, 2003, p. 430)⁶.

² ...nicht von außen her, durch gesagten philosophischen Inhalt, sondern vermöge der Konfiguration der Momente, die, zusammengenommen, mehr bedeuten, als das Gefüge meint. [Band 11: Noten zur Literatur: Parataxis. Digitale Bibliothek Band 97: Theodor W. Adorno: Gesammelte Schriften, S. 9535 (vgl. GS 11, S. 451)]. De agora em diante abreviada como: GS 11, S.

³ Die Bahn von dessen bestimmter Negation dann ist die zum Wahrheitsgehalt. GS 11, S. 451

⁴GS 11, S. 475.

⁵ ... dem Sachgehalt, dem immanenten Gesetz des Gebildes und - zumal bei Hölderlin - der objektiven Sprachgestalt. GS 11, S. 448

⁶ Es wird desto vollkommener gelingen, je spurloser die Intention in dem Gestalteten aufgehoben ist. GS 11, S. 448

Portanto, embora a filologia seja importante para a compreensão do poema, ela não é suficiente. Por exemplo: no poema “O rincão de Hardt” de Hölderlin, o filólogo Beissner esclarece que se trata do lugar onde Ulrich, o perseguido Duque de Württemberg, se escondeu da perseguição dos protestantes da Liga Suábia (ADORNO, 2003, p. 431 e notas)⁷. Ele se refere a uma “história alegórica da natureza”⁸ à qual estes versos estariam ligados, mas não a investiga. É aqui, segundo Adorno, que é necessária a filosofia, pois ela deve deter-se justamente nas passagens consideradas obscuras, nos versos considerados estranhos, pois a estranheza é a tentativa de expressar “algo privado de linguagem” (ADORNO, 2003, p. 433)⁹.

Para clarificar isto, Adorno retoma de Hegel o método da análise imanente. Com este é possível chegar ao conteúdo de verdade da obra, desde que o método não se atenha em si, ou seja, dedique-se mais à estrutura formal de análise do que ao conteúdo. “Não obstante, assim como o modelo hegeliano da análise imanente não se detém em si mesmo, mas atravessando o objeto com a própria força deste leva mais além da coesão monadológica do conceito isolado respeitando-o, assim deveria também acontecer com a análise imanente de obras literárias” (ADORNO, 2003, p. 433)¹⁰. Ora, toda obra de arte é mônada que se recusa à comunicação, no sentido da síntese discursiva. Precisamos respeitar a obra enquanto tal, um âmbito da aparência e, ao mesmo tempo, interpretá-la. A interpretação, a compreensão, implica o conceito discursivo, elemento que é exterior a toda obra porque, justamente enquanto obra de arte, ela possui sua própria logicidade imanente. Um quadro pode redobrar o espaço, uma música comprimir o tempo, uma poesia burlar a estrutura sintética da linguagem. Este modo de configuração das obras destoa

⁷ GS 11, S. 449.

⁸ ...allegorischen Naturgeschichte. GS 11, S. 449

⁹ ... der Beredtheit eines Sprachlosen. GS 11, S. 450

¹⁰ Wie jedoch das Hegelsche Modell der immanenten Analyse nicht bei sich selbst verbleibt, sondern mit der eigenen Kraft des Gegenstandes diesen durchbricht; über die monadologische Geschlossenheit des Einzelbegriffs hinaustreibt, indem es diesen achtet, so dürfte es auch um die immanente Analyse von Dichtungen stehen. GS 11, S. 450-451

da ordem lógica da razão como domínio da natureza. Ele é, segundo Adorno, herança de suas origens mágicas. Por isso, elas requerem interpretação.

Adorno afirma que, em sua tentativa de interpretação filosófica da poesia de Hölderlin, Heidegger propõe que, no âmbito do poético, o comentário deve se colocar numa posição supérflua: isto significa que o comentário “deve desaparecer no conteúdo de verdade, o mesmo que os elementos reais” (ADORNO, 2003, p. 434)¹¹. Entretanto, a ênfase dada à esfera do poético e mesmo a glorificação do poeta não livra Heidegger da acusação, feita por Adorno, de que seus comentários, quando vistos de perto, não fazem jus ao especificamente poético, pois ele “glorifica o poeta, supra-esteticamente, como fundador, sem refletir de maneira concreta sobre o *agens* da forma” (ADORNO, 2003, p. 435)¹², ou seja, o trata para além do conteúdo do poema¹³.

Não se trata de acusar o filósofo de não ser poeta, mas a pseudo poesia testemunha contra sua filosofia da poesia. A debilidade estética se origina de uma estética débil que confunde o poeta, no qual o conteúdo de verdade é mediado pela aparência, com o fundador, que interviria ele mesmo no ser, não tão distinta da conversão dos poetas em heróis típica da escola de George (PX. p. 435)¹⁴.

Tanto Anatol Rosenfeld quanto Jeanne Marie Gagnebin nos informam que a escola de Stefan George tendia a ler Hölderlin com ênfase no nacionalismo. Gagnebin nos diz que Benjamin e Hellingrath se opõem a George que “transformava Hölderlin em figura de poeta sagrado da nação alemã” (GAGNEBIN, 2011, nota à p. 18). Rosenfeld afirma que Heidegger é um continuador da escola de George na medida em que “a concepção ontológica

¹¹ ...also ebenso im Wahrheitsgehalt zu verschwinden wie die Realien. GS 11, S. 452

¹² Er verherrlicht den Dichter, überästhetisch, als Stifter, ohne das Agens der Form konkret zu reflektieren. GS 11, S. 452

¹³ Referindo-se à postura de Hölderlin no poema “Wie wenn am Feiertage”, Heidegger afirma que o poeta “está colocado *sob as tempestades de Deus - de cabeça descoberta*, colocado à sua mercê sem qualquer proteção e afastado de si próprio. O ser aí não é outra coisa senão o estar colocado à mercê do poder esmagador do ser”. HEIDEGGER, M. *Hinos de Hölderlin*. Trad. Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004, p. 38.

¹⁴ Nicht, daß er kein Dichter sei, ist gegen den Philosophen einzuwenden, aber die Afterpoesie zeugt gegen seine Philosophie der Dichtung. Das ästhetisch Schlechte entspringt im schlecht Ästhetischen, der Verwechslung des Dichters, bei dem der Wahrheitsgehalt vermittelt ist durch den Schein, mit dem Stifter, der ins Sein selbst eingriff, gar nicht so verschieden von der einst in der Georgeschule geübten Heroisierung der Dichter. GS 11, S. 453

da língua foi particularmente acentuada neste círculo, transmitindo-se às interpretações de Martin Heidegger, que fala da ‘instauração verbal do ser’ e do ‘nomear instaurador dos deuses e da essência dos entes.’” (ROSENFELD, 1993, p. 55) Heidegger teria interpretado unilateralmente Hölderlin, simplificando a riqueza ambígua de sua poesia para apenas confirmar teses de sua própria filosofia. Ele também afirma que, assim como Heidegger representa, em parte, a continuação do círculo de George, Adorno e autores como Pierre Bertaux se opõem à visão de Hölderlin “vidente e profeta” para pensá-lo em relação a seu tempo histórico (ROSENFELD, 1993, p. 55).

Segundo Adorno, Heidegger em vez de se deter em Hölderlin enquanto um agente da forma poética, ou seja, o eu construtor como um dos elementos da poesia, trata o poeta como um eleito do “ser” que expressará para o povo os sinais que recebe. A poesia é estes sinais: por isso ela é tratada como tendo uma verdade em si. Já para Adorno, toda obra de arte tem sentido na medida em que é interpretada, mas, como já afirmamos, tal interpretação é conceito, e, por isso, só se comporta de modo negativo em relação ao objeto. A “negação determinada” não significa que a negatividade possa expressar a verdade do todo. Ela se previne de não postular nada, ou seja, a interpretação filosófica da obra, a estética, não pode abordar as obras com um quadro conceitual prévio.

Lendo o comentário de Marco Aurélio Werle, fica mais clara a posição de Heidegger a que estamos nos referindo. Com efeito, ao analisar a relação estabelecida por Heidegger entre poesia e pensamento, a partir da leitura de poemas de Hölderlin, Werle defende que não se pode partir dos “padrões de pesquisa estabelecidos pela crítica literária” (WERLE, 2005, p. 12). Mas ele quer compreender como Heidegger concebe a poesia e o próprio poeta a partir do quadro conceitual de sua filosofia. Ou seja, Werle quer compreender a poesia de Hölderlin enquanto inserida no pensar de Heidegger e, a partir disto, ver como esta inserção “contribui para a instauração de um modo de pensar poético” (WERLE, 2005, p. 12). É claro então que, para Werle, Heidegger se apropria de Hölderlin a partir da estrutura de seu próprio filosofar. Ainda, segundo o autor, a legitimidade da pesquisa heideggeriana não poderia ser posta em “1º plano” porque tal pesquisa transcende as divisões habituais entre

disciplinas como, por exemplo, a estética e a teoria literária. Isto ocorre porque ela pretende um contato fenomenológico direto com o poema e com o poeta, pois com isto “algo de autêntico poderá vir à luz, ou até mesmo se ocultar, mas sempre de modo verdadeiro” (WERLE, 2005, p. 14).

Ora, pelo que já dissemos acerca do modo como a estética de Adorno trata as obras de arte, é visível o contrassenso entre, por um lado, ler a obra a partir de um quadro conceitual dado e, por outro, pretender tal contato direto com a verdade. Como não se pretende que este contato direto seja através de alguma intuição mística não conceituável, então, apesar de todas as diatribes conceituais, o problema ainda é o da relação entre o conceito filosófico e a obra, que é mimética.

O erro central de Heidegger é a não percepção de que, em toda arte, não só na poesia, o conteúdo de verdade é mediado pela aparência. Ao tratar o poeta como fundador e a poesia como a linguagem “originária”, ou seja, a linguagem que fundamenta o Ser, Heidegger não atenta para o fato de que a linguagem teórica e a linguagem da poesia são distintas, pois esta última não tem por fim emitir juízos sobre a realidade, se assim o fizesse deixaria de ser arte, de estar no terreno da mimese.

Sendo a poesia aparência, não se pode esperar dela nenhuma mensagem que expressasse o conteúdo de verdade: “toda interpretação de poemas que os reduza à mensagem viola seu modo de verdade ao violar seu caráter de aparência” (ADORNO, 2003, p. 435-436)¹⁵. Isto significa que o que se apresenta como conteúdo de verdade na poesia não necessariamente pode ser assim considerado na filosofia. A confusão entre arte e pensamento serve para a crença de que a arte pode “salvar” a realidade ruim, já que o esclarecimento não foi capaz.

Portanto, a veneração de Hölderlin se equivoca no que é mais elementar: toma ao pé da letra o que o poeta disse, ou seja, o conteúdo da

¹⁵ Jede Interpretation von Dichtungen, welche sie auf die Aussage bringt, vergeht sich an ihrer Weise von Wahrheit, indem sie an ihrem Scheincharakter sich vergeht. GS 11, S. 453

poesia é desestetizado, tratado como algo real: “a súbita desestetização do conteúdo faz passar o indispensavelmente estético por algo real, sem levar em conta a refração dialética entre forma e conteúdo de verdade” (ADORNO, 2003, p. 436)¹⁶. Quer dizer, desrespeita-se a distinção entre arte e realidade na qual a arte, enquanto mimese da realidade é uma segunda esfera, ou seja, a negação determinada da primeira. “A realidade prematuramente afirmada do poético suprime a tensão entre a poesia de Hölderlin e a realidade, e neutraliza sua obra convertendo-a em conformidade com o destino” (ADORNO, 2003, p. 436)¹⁷.

Nos poemas de Hölderlin se fazem presentes proposições com características de juízos sobre a realidade. Heidegger em vez de tratá-las como um elemento entre outros, tão importantes quanto o modo de encadeamento dos versos ou como uma exaltação, exemplificada no verso: “Mas é até ao Cáucaso que pretendo ir!” [Ich aber Will dem Kaukasos zu!] (HÖLDERLIN, 2000, p. 42-43), conduz as mesmas até uma posição acima da obra. Um exemplo é o que diz a partir da paráfrase de uma passagem do poema “Empédocles”. Nesta, ele estabelece uma confusão entre o que o poeta disse e o conteúdo de verdade a qual serve para, a partir de algumas frases eleitas, colocar Hölderlin como um fundador “que transmite a seu povo os sinais que recebe” (ADORNO, 2003, p. 437)¹⁸. Com efeito, Heidegger afirma: “O ser aí histórico do homem é fundamentalmente suportado e conduzido pelo Ser que o poeta experimentou antecipadamente, verteu em palavras pela primeira vez e colocou no povo” (HEIDEGGER, 2004, p. 175).

¹⁶ Die schlagartige Entästhetisierung des Gehalts unterschiebt das unabdingbar Ästhetische als Reales, ohne Rücksicht auf die dialektische Brechung zwischen Form und Wahrheitsgehalt. GS 11, S. 454

¹⁷ Die allzu früh behauptete Wirklichkeit des Dichterischen unterschlägt die Spannung von Hölderlins Dichtung zur Wirklichkeit und neutralisiert sein Werk zum Einverständnis mit dem Schicksal. GS 11, S. 454

¹⁸ Das verhilft zur billigen Heroisierung des Dichters als des politischen Stifters, der die Winke, die er empfängt, »weiter [winkt] in sein Volk«: »indem Hölderlin das Wesen der Dichtung neu stiftet, bestimmt er erst eine neue Zeit« GS 11, S. 454-455

Não podemos acusar Heidegger de interpretação arbitrária no seguinte sentido: de que o que ele diz não corresponde ao dito por Hölderlin. Por outro lado, a interpretação estética não pode tratar o poema como um discurso unívoco, como vimos, ela deve deter-se não tanto no que o poeta diz, mas no que ele cala. E, deste modo, é possível mostrar, segundo Adorno, que, onde Hölderlin cala, Heidegger excede (ADORNO, 2003, p. 437)¹⁹. Uma coisa é clarificar o obscuro do poema mostrando a partir da configuração imanente outra constelação que ele expressa, além daquela intencionada, como vimos: outra coisa é manobrar com alguns versos tendo filosofemas como pressupostos. É isto que Heidegger faz.

Por exemplo, no poema “A caminhada” [Die Wanderung] o verso: “Difícilmente abandona / tal lugar aquele que habita junto das origens” [Schwer verläßt / Was nahe dem Ursprung Wohnet, der Ort.] (HÖLDERLIN, 2000, p. 40) satisfaz a Heidegger tanto por causa da imobilidade quanto por causa da defesa mística do originário. Entretanto, a partir do verso: “Mas é até ao Cáucaso que pretendo ir!” [Ich aber Will dem Kaukasos zu!] (HÖLDERLIN, 2000, p. 42-43) onde aparece a relação de Hölderlin com o estrangeiro, uma relação amistosa (ADORNO, 2003, p. 438)²⁰ que também aparece em versos como “Em dias festivos passam / Mulheres morenas / Pelo chão sedoso” [An Feiertagen gehn / Die braunen Frauen daselbest / Auf seidnen Boden] (HÖLDERLIN, 2000, p. 118-119) que se referem às mulheres de Bourdeaux no poema “Lembrança” [Andenken], já não se coaduna com o nacionalismo e o culto às origens. Estas passagens causam mal-estar a Heidegger²¹, pois ele quer falar da “pertença originária” (HEIDEGGER, 2004, p. 183), propõe que quem abandona seu lugar comprovaria que não tem “origem” e que está aí acidentalmente (HEIDEGGER, 2004, p. 183). Entretanto é o próprio Hölderlin que diz: “Mas é até ao Cáucaso que pretendo ir! / Pois ainda hoje / Ouvi dizer ao vento: / Os poetas são livres, como as andorinhas”. [Ich aber Will dem

¹⁹ GS 11, S. 455

²⁰ GS 11, S. 456-457

²¹ GS 11, S. 457

Kaukasos zu! / Denn sagen hört' ich / Noch heut in den Lüften: / Frei sei'n, wie Schwalben, die Dichter.] (HÖLDERLIN, 2000, p. 42-43).

Assim também, na segunda versão do poema “Pão e Vinho” [Brot und Wein], no qual Hölderlin diz que o espírito está em casa não no princípio, Adorno afirma que Heidegger silencia sobre este verso e reclama o imediatamente posterior o qual se refere ao amor à colônia e ao olvido do espírito (ADORNO, 2003, p. 438)²². A relação com o estranho é o ponto que mais separa Heidegger de Hölderlin. Ao tratar deste conceito, Heidegger imediatamente o relaciona com a colônia, o estranho passa a ser a pessoa que faz o poeta lembrar a pátria, (ADORNO, 2003, p. 438)²³. Em virtude disto, Heidegger perverte a relação de Hölderlin com a pátria. Assim, ao referir-se ao termo “colônia”, usado por Hölderlin, desvirtua seu sentido, colocando Hölderlin no seu ideal endogâmico e nacionalista: pensa a colônia como filha da terra e que, portanto, o poeta ao amar a terra não faria mais que amar de modo camuflado a mãe (ADORNO, 2003, p. 438)²⁴.

Em relação aos poemas “Germânia” e “Andenken” o problema continua sendo o mal estar com o estrangeiro. O poema “Germânia” fala de mulheres alemãs, no espírito schilleriano como “senhora e protetora”, já o poema “Andenken” das mulheres francesas de Bourdeaux, com as quais Hölderlin parece estar encantado. Heidegger comenta os poemas e fala de mulheres, no sentido schilleriano, sem levar em consideração que este sentido não aparece em “Andenken”.

Desvirtuação análoga ocorre no que diz respeito à palavra “pátria”. Adorno considera a designação de Beissner para os “Hinos tardios” como “Hinos patrióticos”, imprópria porque não dá para esquecer que nos 150 anos transcorridos a palavra perdeu a conotação inocente que tinha ainda em versos como este (de Keller): ‘conheço em minha pátria / todavia algumas montanhas,

²² GS 11, S. 456

²³ GS 11, S. 456

²⁴ GS 11, S. 456

oh meu amor'(apud ADORNO, 2003, p. 440)²⁵. Ao contrário disto, o termo passou a significar exclusão e ódio à diferença (ADORNO, 2003, p. 440)²⁶. A direita nacionalista alemã distorceu de tal forma o termo pátria em Hölderlin, que é como se os poemas expressassem “seus ídolos” em vez do que Hölderlin, no espírito de sua época, realmente expressou: a utópica reconciliação entre o indivíduo e a totalidade (ADORNO, 2003, p. 440)²⁷.

Tampouco o termo “unidade” tem um caráter central nos poemas de Hölderlin. Heidegger insiste na necessidade da constância e da permanência como requisitos para a significatividade do discurso. Adorno opõe a isto a processualidade e historicidade presentes nos hinos. Heidegger imputa a Hölderlin a identificação entre “um” e “ser” que ele transporta de Parmênides sem levar em conta que Hölderlin nunca substantiva o termo “um”.

Heidegger ratifica a separação entre Ser e ente quando comenta a expressão de Hölderlin sobre o “perigo da linguagem” (ADORNO, 2003, p. 441)²⁸. Para Adorno, este perigo diz respeito à possibilidade de a linguagem poética se perder no âmbito discursivo e não conseguir a verdade e, assim, falsear o objeto por retê-lo em suas malhas. Ao contrário, Heidegger interpreta este perigo como a possibilidade de não desvelamento do Ser: “por obra da língua o homem testemunha o ser... O caráter perigoso da língua é a definição mais originária de sua essência. A sua essência mais pura desenvolve-se inicialmente na poesia. Esta é a linguagem primordial de um povo” (HEIDEGGER, 2004, p. 67). Com isto, segundo Adorno (2003, p. 441)²⁹ o perigo, para Heidegger, é que o ser seja ameaçado pela realidade histórica e, assim ele separa linguagem originária e história. Ora, o que a Hölderlin parece ameaçado não é este “ser originário”, mas a unidade entre indivíduo e coletividade, exaustivamente tratada por Hegel. Para não entrar nisso,

²⁵ »Ich weiß in meinem Vaterland / Noch manchen Berg, o Liebe« GS 11, S. 458

²⁶ GS 11, S. 458

²⁷ GS 11, S. 458

²⁸ Gefahr der Sprache. GS 11, S. 459

²⁹ GS 11, S. 460

Heidegger abstrai Hölderlin da tradição do idealismo alemão. Sua poesia acaba se transformando num âmbito de “conceitualidade sitiada” (ADORNO, 2003, p. 442)³⁰. É claro que não podemos dissolver os poemas no contexto histórico-cultural de onde emergiram, assim como não podemos deduzir seu conteúdo de filosofemas previamente escolhidos. Entretanto, não podemos não levar em consideração o ambiente espiritual onde os poemas foram escritos, pois o conteúdo das obras de arte, historicamente determinado, determina também a forma.

Heidegger propõe que Hölderlin não está falando do tempo histórico como comumente entendido. Além disso, que ele se colocaria para fora de seu tempo histórico. “Questionando o verdadeiro tempo para o seu próprio tempo, ele coloca-se fora do tempo do seu hoje” (HEIDEGGER, 2004, p. 55). Isto significaria que ele possui uma concepção de tempo e eternidade diferente da que considera o tempo “como o mero passar do agora na sucessão” (HEIDEGGER, 2004, p. 59). Ele quer falar de um tempo que corresponda “à historicidade originária de nosso ser aí histórico” (HEIDEGGER, 2004 p. 78). O procedimento de Heidegger consiste como bem disse Adorno em manobrar com o conteúdo da poesia de Hölderlin e conduzi-lo para onde ele previamente já estabeleceu: a esfera do originário, do “ser”, a qual, propriamente falando não significa objetivamente nada. Cada um pode colocar lá o que quiser. Isto fica claro em passagens do tipo: “A verdade de um povo é aquela revelação do ser a partir do qual o povo sabe o que quer historicamente na medida em que se quer a *sí*, quer ser ele próprio” (HEIDEGGER, 2004, p. 137). Neste espaço do “próprio” cabe muita coisa, inclusive o “Nacional-socialismo”.

Hölderlin escapa do idealismo alemão a partir da problemática genuína deste que é a ruptura entre sujeito e substância. Ele chega a algo “que Hegel jamais haveria consentido: que a vida não é a ideia, que a quintessência do que é não é a essência” (ADORNO, 2003, p. 445).

³⁰ ... abgezirkelter Begrifflichkeit, GS 11, S. 460

O que agrada à “filosofia do ser” são as passagens teóricas da poesia de Hölderlin, elas se aproximam do médium da filosofia. Estes termos (“abstrata”) ou substantivos gerais são tratados por Heidegger como ontológicos, isto é, como conceitos anticonceituais, pertencentes à esfera do ser e não da historicidade. A poesia tardia de Hölderlin se duplica entre os nomes e suas correspondências e os substantivos gerais. Estes evocam aquilo que, no nome, não é expressável na linguagem corrente. Apesar de sua universalidade, são sinais de um processo, pois são a expressão daquilo do que está ausente (ADORNO, 2003, p. 445)³¹. Por isto não podem ser tratados como ontológicos.

Por exemplo, no poema “Pão e vinho” os nomes “semi-alegóricos dos deuses” (ADORNO, 2003, p. 446)³² expressam sua imersão na história e a ruptura ou irreconciliação em vez da universalidade ontológica. Este poema tem como centro a recordação que, antes da temporalidade histórica, os deuses nos deixaram o pão e o vinho e que não é ocioso que cantemos seu retorno. Ora, se o poema pressupusesse que a humanidade está reconciliada não a colocaria os esperando juntamente com o pão e o vinho. Tais deuses não são simbólicos porque não se trata da união da ideia “em si” com a intuição na figura destas divindades. Os “vates” os cantam porque, “antes dos tempos”, estiveram aqui. A história, em vez de unificar a ideia dos deuses com o tempo presente, expressa sua ruptura e o desejo utópico que eles retornem com o pão e o vinho. Com isto, Adorno retira Hölderlin da estética classicista. Os substantivos gerais (abstrata) por não serem expressões simbólicas instauram uma “concreção de 2ª ordem” e não um absoluto intemporal (ADORNO, 2003, p. 447)³³.

Também em “Patmos” a simplicidade da vida na ilha expressa o “resplendor do irrecuperável” (ADORNO, 2003, p. 448)³⁴ e não a unidade a ser

³¹GS 11, S. 463

³² ...halbalegorischen Götternamen... GS 11, S. 465

³³ GS 11, S. 465

³⁴ ...für Hölderlin sind sie, wie einst für Vergil und die Bukoliker, Abglanz eines Unwiederbringlichen. GS 11, S. 467

exaltada. Ao contrário, Heidegger já se refere a esta vida simples como um aspecto do Ser, escamoteando o fato histórico de que a agricultura envidou esforços e perdas imensas em termos de felicidade. Contra o simbólico, o sujeito que se põe como negatividade não tem medo de enfrentar o abismo. Para ele não é necessário participar de uma comunidade primitiva forjada.

Trata-se de demonstrar, de dentro da poesia de Hölderlin, como esta é “negação determinada”. Isto é possível indicando que a linguagem da poesia é articulada de tal modo que se distingue da forma do juízo. Com isto, fundamenta-se a tese de que ela funda uma segunda realidade em oposição à primeira, expressa pelo juízo, pela síntese corrente. Isto é significativamente distinto da posição que elabora um método separado da coisa para depois adaptá-la.

2. A forma paratática em Hölderlin

A relação entre forma e conteúdo na poesia, lugar privilegiado onde a filosofia deve deter-se, não pode ser tratada a partir de uma unidade indiferenciada dos momentos, nem como algo separado, sem mais. “Em vez de invocar vagamente a forma, há que perguntar-se o que ela, enquanto conteúdo sedimentado, aporta” (ADORNO, 2003, p. 450)³⁵. Assim, por exemplo, no início de “Pão e Vinho” a configuração linguística não expressaria a “reintegração do separado à origem” (ADORNO, 2003, p. 451)³⁶, mas a solidão de quem relembra os amigos, a juventude...

Mediante o hiato percebemos a relação entre conteúdo e forma. Assim em *Mnemosyne* à pergunta: “como é possível o amor?” e, igualmente, a verdade, que exige uma resposta descritiva, tem por resposta outra questão: “Mas o que é isto?” [Aber was ist dies] (HÖLDERLIN, 2000, p. 132). Hölderlin

³⁵ Anstatt auf Form vag sich zu berufen, ist zu fragen, was sie selber, als sedimentierter Inhalt, leistet. GS 11, S. 469

³⁶ Solcher Ausdruck ist unvereinbar mit der Reintegration des Getrennten im Ursprung. GS 11, S. 469

queria, com isso, se afastar das regras linguísticas historicamente sancionadas. Nesse sentido, a ausência de rimas, que aproxima sua poesia da prosa, conduz ao efeito paradoxal, pois expressa melhor a experiência subjetiva que as rimas, as quais, a princípio, existiriam para este fim (ADORNO, 2003, p. 452)³⁷. Que estrutura possui esta poesia para permitir isto?

Esta poesia em forma de prosa queria ser música “síntese sem conceito” (ADORNO, 2003, p. 452)³⁸. Entretanto, a linguagem se opõe ao plano “mimético expressivo” (ADORNO, 2003, p. 452)³⁹, pois é formada por juízos, portanto, presa à síntese conceitual, à aporia entre estrutura lógico-subjetiva e ente. A “síntese sem conceito” da música ao ser transposta literalmente para a poesia a torna “dissociação constitutiva” (ADORNO, 2003, p. 452)⁴⁰. Quer dizer, Hölderlin precisa escapar à síntese lógica tradicional sem deixar sua poesia resvalar para um amontoado caótico. Ele consegue isto substituindo a estrutura lógica hierárquica que implica as sínteses subordinantes pelo modelo da série. Com este, ele mescla épocas distintas, une figuras estranhas e sem conexão etc. Assim, há em Hölderlin estruturas que, em vez de trazerem uma reflexão progressivamente encadeada, trazem uma explicação na qual a conclusão está ausente. Em “Pão e Vinho” [Brot und Wein] a série de perguntas que tematiza a queda da Antiguidade com a vinda de Cristo não o faz de forma sintética, mas como probabilidade. O medo é que as asserções na forma predicativa falseiem a história, ao reduzi-la ao aparato lógico em vez de expressar sua plurivocidade. A síntese aplaina a pluralidade das palavras: a subjetividade somente conseguiria expressar algo para além do consenso social petrificado na linguagem se conseguisse explodir este nivelamento.

Como também apontam Beissner e Szondi (ADORNO, 2003, p. 455)⁴¹, em “Metade da Vida” as duas partes do poema necessitam uma da outra, a

³⁷ GS 11, S. 470

³⁸ ...begriffslose Synthesis; GS 11, S. 471

³⁹ ...mimetisch-ausdruckhaften, GS 11, S. 471

⁴⁰ ...konstitutiven Dissoziation. GS 11, S. 471

mediação não é exterior, mas intrínseca. A mediação não serve para reconciliar, unir as duas partes: “a forma paratática consoma o corte entre as metades da vida” (ADORNO, 2003, p. 455)⁴²:

‘Mit gelben Birnen hängen, / Und voll mit wilden Rosen / Das Land in den see, / Ihr golden Schwäne, / Und trunken von Küssen / Tunkt ihr das Haupt / Ins heilignüchterne Wasser. // Who mir, wo nehm ich, wenn / Es Winter ist, die Blumen, und wo / Den Sonnenschein / Und Schatten der Erde? / Die Mauern stehn / Sprachlos und kalt, im Winde / Klirren die Fahnen’

[Com peras amarelas a terra pende / e cheia de rosas silvestres / a terra sobre o lago, / vós, cisnes belos / e ébrios de beijos, / submergis a cabeça / na sagrada sobriedade da água. // Ai de mim! Onde recolherei, quando / chegue o inverno, as flores, e onde / o brilho do sol / e as sombras da terra? / Os muros se alçam / mudos e frios, ao vento / batem as bandeiras]⁴³.

Para Adorno, a “parataxis” de Hölderlin acentua muito mais o hiato do que a síntese das orações coordenadas. Segundo a interpretação de Cachopo (2011, p. 237), a parataxis, gramaticalmente considerada, designa apenas estruturas sintáticas, onde predominam as orações coordenadas em vez das subordinadas. Quando estas prevalecem, então falamos de “hipotaxe”. Se na oração coordenativa o “é” expressa a síntese, porque o hiato seria o centro da parataxis holderliniana? Na transição da primeira parte de “Metade da vida” [Hälfte des Lebens] para a segunda o “Ai de mim” [Weh mir] destrói a imagem da felicidade evocada na primeira parte. Isto é possível por causa do “enfraquecimento da subordinação sintática” (Cachopo, 2011, p. 237). É importante perceber as implicações disto sob o aspecto formal. Ou seja, ainda segundo a interpretação de Cachopo, há partes que não se submetem ao todo: ao contrário, se justapõem a este. É esta justaposição que expõe as “feridas” do conjunto. “Eis como o hiato se inscreve na parataxis: ao substituir a subordinação pela coordenação – pela justaposição, pela serialização – o modo paratático corresponde, em termos formais, à aparição de uma unidade

⁴¹ GS 11, S. 473

⁴² Auch darin erweist Inhalt und Form bestimmbar sich als eines; die inhaltliche Antithese von sinnhafter Liebe und Geschlagensein bricht, um Ausdruck zu werden, ebenso die Strophen auseinander, wie umgekehrt die parataktische Form den Schnitt zwischen den Hälften des Lebens selbst erst vollzieht. GS 11, S. 473

⁴³ A tradução é de Paulo Quintela, levemente modificada por nós.

fraturada. ‘Parataxis’, ‘hiato’, ‘dissociação’, ‘cesura’ formam uma constelação...” (CACHOPO, 2011, p. 237).

Adorno comenta a influência do modelo de Píndaro em Hölderlin na formação da parataxis, principalmente no que diz respeito ao fluxo de imagens e ao caráter narrativo de alguns poemas. A narrativa tem o mérito de enfraquecer a hierarquia subordinante da lógica. “O que no poema tende à narração queria descender ao meio pré-lógico, deixar-se levar pelo tempo” (ADORNO, 2003, p. 456)⁴⁴. Temos algo análogo em Hegel: a *Fenomenologia do Espírito*, em contradição com a estrutura sistemática por ele advogada, se entrega ao “puro observar” (ADORNO, 2003, p. 457)⁴⁵ e, em vez de lógica, temos uma história, a história da formação da consciência.

Para Adorno, o hino “Patmos” é o que melhor expressa a influência de Píndaro, pois o tema, o refúgio buscado pelo poeta na ilha “Patmos”, é substituído pela narração da vida de São João, que, segundo a tradição das Escrituras, ali residiu (ADORNO, 2003, p. 456)⁴⁶.

Adorno também aponta como causa do surgimento da técnica da série em Hölderlin as circunstâncias de sua vida. O seu triste destino não se deve, como o de outros artistas, a um conflito com os padrões de comportamento a ele ensinados: mas, ao contrário, Hölderlin era extremamente dependente dos pilares morais da família e da cultura protestante de então. Ele acreditava nestes ideais. Só que o mundo não era tal como o ensinaram e isto fez com que se opusesse à realidade. Por isto, se tornou adepto de Rousseau e da Revolução Francesa e, no final, decepcionado com ambos, passou a ser o “representante da dialética da interiorização da era burguesa” (ADORNO, 2003, p. 457)⁴⁷. Esta docilidade inicial para com a tradição que lhe foi ensinada

⁴⁴ Was am Gedicht zur Erzählung tendiert, möchte hinab ins prälogische Medium, sich treiben lassen mit der Zeit. GS 11, S. 474

⁴⁵ »reinen Zusehen« GS 11, S. 474

⁴⁶ GS 11, S. 475

⁴⁷ ...stellvertretend für die Dialektik der Verinnerlichung im bürgerlichen Zeitalter. GS 11, S. 475

paulatinamente transformou-se em passividade em relação à linguagem. Mas não vamos falsear o caráter revolucionário disto com o termo “passividade”. Entendida através da técnica da série, esta palavra significa atenção extrema à linguagem para suspender a lógica tradicional da síntese. O próprio Hölderlin afirma explicitamente sua rebelião contra a síntese: “À posição lógica dos períodos na qual ao fundamento (ao período fundamental) segue o devir, ao devir, o fim, ao fim a finalidade, e as orações subordinadas aparecem sempre atrás das principais as quais se referem imediatamente, o poeta só raras vezes pode utilizar” (citado por ADORNO, 2003, p. 457)⁴⁸.

Adorno interpreta esta passagem como significando que a linguagem sintética é inservível para a poesia porque a associação entre a “periodicidade sintática” e a ordem hierárquica serve a fins utilitários. Algo que Hölderlin, com razão, sempre rechaçou ao colocar a poesia junto às coisas sagradas.

Portanto, a poesia de Hölderlin queria curar a linguagem de seu caráter violento, resultante da dedução. Assim, primeiramente, ele volta-se contra a síntese através da inversão sintática dos períodos. Com a “parataxis” ele já deseja construir outra síntese. Seu procedimento é comparável ao de Hegel na lógica, pois este “protestava contra a lógica graças e imanentemente a ela” (ADORNO, 2003, p. 458)⁴⁹. Como já dissemos, o meio da poesia é a linguagem, mesmo opondo-se à síntese ele não tem como eliminá-la sem cair no difuso. Hölderlin força o período até a beira do abismo, mas não cai. Ele transforma a unidade de modo que nela o diverso não seja apenas refletido – desde Platão a síntese precisa do diverso para não ser apenas unidade vazia, “natureza difusa” (ADORNO, 2003, p. 458)⁵⁰.

⁴⁸ “Die logische Stellung der Perioden, wo dem Grunde (der Grundperiode) das Werden, dem Werden das Ziel, dem Ziele der Zweck folgt, und die Nebensätze immer nur hinten angehängt sind an die Hauptsätze, worauf sie sich zu nächst beziehen, - ist dem Dichter gewiß nur höchst selten brauchbar.” GS 11, S. 476

⁴⁹ So hat Hegel kraft der Logik, und ihr immanent, gegen sie protestiert. GS 11, S. 476

⁵⁰ ...diffuse Natur; GS 11, S. 477

Portanto, não se trata de sucumbir ao difuso da natureza, cuja expressão na linguagem é a desarticulação. Muito menos sucumbir à linguagem predicativa como expressão do domínio da natureza, mas mostrar “que a unidade mesma indica que se sabe não concludente” (ADORNO, 2003, p. 458, grifos nossos)⁵¹.

Hölderlin sabe que a linguagem enquanto síntese predicativa, por conta da universalidade, nivela o que o poeta quer expressar a algo já convencionalmente estabelecido. Tal como é dito no início da *Fenomenologia* de Hegel, a linguagem só expressa o universal: o singular é inexprimível. Hölderlin luta contra isto, ele queria, como em geral os poetas⁵², a expressão da singularidade. Entretanto, ele sabe que sem linguagem não há subjetividade. Com sua obra, ele mostra a defasagem entre a linguagem e o que a singularidade quer expressar. É por isto que, nele, “a unidade indica que se sabe não concludente”, como já afirmado. A síntese linguística e o sujeito não se identificam de modo algum. Com isso, Hölderlin “corrige a primazia do sujeito como o órgão de tal síntese” (ADORNO, 2003, p. 459)⁵³. Isto quer dizer que o sujeito não é fundamento da síntese, mas algo mediatizado com ela. Isto não pode ser interpretado de forma ontológica como se a síntese fosse

⁵¹ ...sondern daß die Einheit selber anzeigt, sie wisse sich als nicht abschlußhaft. GS 11, S. 477

⁵² Assim, também em Celan: “Os poemas de Celan querem exprimir o horror extremo através do silêncio. O seu próprio conteúdo de verdade torna-se negativo. Imitam uma linguagem aquém da linguagem impotente dos homens, e até de toda a linguagem orgânica, a linguagem do que está morto nas pedras e nas estrelas” (ADORNO, 1988, p. 354).

Celans Gedichte wollen das äußerste Entsetzen durch Verschweigen sagen. Ihr Wahrheitsgehalt selbst wird ein Negatives. Sie ahmen eine Sprache unterhalb der hilflosen der Menschen, ja aller organischen nach, die des Toten von Stein und Stern. [Band 7: Ästhetische Theorie: Ästhetische Theorie. Digitale Bibliothek Band 97: Theodor W. Adorno: Gesammelte Schriften, S. 3728 (vgl. GS 7, S. 477)]

Como também Ivan Junqueira ressalta acerca da poesia de T. S. Eliot: “A técnica da fragmentação retrata o desespero de Eliot ante a impossibilidade da comunicação, do enunciado global de seu pensamento, da cristalização dos dados pertinentes à realidade fenomênica dentro dos limites de um sistema orgânico, unitário e coeso de significados e significantes verbais”. In: T. S. Eliot. *Poesia*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 20.

⁵³ ...korrigiert den Vorrang des Subjekts als des Organons solcher Synthesis. GS 11, S. 478

transcendente ao sujeito e implicasse a renúncia de sua intenção particular (ADORNO, 2003, p. 459)⁵⁴. A linguagem nunca fala por si mesma! “A independência dos “abstrata”, de maneira parecida à doutrina hegeliana da restauração da imediatez em cada fase da mediação dialética, permite que convirjam os conceitos, segundo disse Benjamim, erigidos como sinais trigonométricos, com os nomes; a dissociação nestes é a tendência mais íntima da parataxis holderliniana (ADORNO, 2003, p. 463)⁵⁵.

Toda poesia é uma forma de protesto da razão contra esta enquanto domínio da natureza. A diferença é que, em Hölderlin, este protesto se torna consciente. O poema “Natureza e arte” [Natur und Kunst] expressa a defesa da natureza oprimida contra o logos dominador. Mas a negação deste domínio não é feita de modo abstrato: pois, considerando a relação entre logos e natureza, o domínio é tratado como parte da natureza, quando a humanidade através do logos procura escapar do informe. “A anamnese da natureza oprimida, na qual Hölderlin queria separar o que é selvagem e o que é pacífico, a consciência da não identidade que supera a coerção à identidade do logos, é filosófica” (ADORNO, 2003, p. 464)⁵⁶.

Isso quer dizer que não temos, de um lado, o princípio dominador da natureza, de forma abstrata: e, de outro, o dominado como um conteúdo caótico. A poesia exige a autorreflexão do princípio, em vez da subjetividade absoluta temos uma subjetividade que se autoposiciona (ADORNO, 2003, p. 466)⁵⁷. A revogação da ditadura da síntese se dá a partir do movimento do próprio espírito.

⁵⁴ GS 11, S. 478

⁵⁵ Die Verselbständigung der Abstrakta, nicht unähnlich der Hegelschen Lehre von der Wiederherstellung der Unmittelbarkeit auf jeder Stufe dialektischer Vermittlung, läßt die nach Benjamins Wort wie trigonometrische Signale aufgerichteten Begriffe mit den Namen konvergieren; die Dissoziation in diese ist die innerste Tendenz der Hölderlinschen Parataxis. GS 11, S. 481

⁵⁶ Philosophisch ist die Anamnese der unterdrückten Natur, in der Hölderlin bereits das Wilde vom Friedlichen sondern möchte, das Bewußtsein von Nichtidentität, das den Identitätszwang des Logos überflügelt. GS 11, S. 482

Consideremos os versos: “Temos servido à mãe terra / e temos servido à luz do sol até há pouco / por ignorância” [Wir haben gedienet der Mutter Erd’ / Und haben Jungst dem Sonnenlichtegedient, / Unwissend, /] (HÖLDERLIN, 2000, p. 116). Levando em conta que, desde Platão, o absoluto é representado pelo sol, a negação do mito terá que implicar “a autorreflexão do logos solar: a qual ajuda a natureza oprimida a retornar, enquanto que nos mitos era uma com a opressora” (ADORNO, 2003, p. 468)⁵⁸.

Sem autorreflexão do logos, só temos natureza oprimida. O oprimido precisa ser abrigado na consciência, rememorado (ADORNO, 2003, p. 468)⁵⁹. O fato de que, em Hölderlin, a reconciliação não é oposta à reflexão o retira do movimento romântico já que neste a reflexão é afastada em prol de uma relação imediata com a natureza.

A autorreflexão do poeta sobre o princípio dominador da natureza libera neste o “não idêntico”, deixa vir à tona a natureza oprimida. “Vem, pois! Para contemplarmos o espaço aberto, para buscarmos algo de próprio por longe que esteja, [So komm! Dass wir das offenescauen, Dassein Eigenes wirsuchen, soweit es auchist.]” (HÖLDERLIN, 1991, p. 252-253). Este “próprio” não se refere a algo originário, mas ao que Hegel designou como o sujeito singular presente (ADORNO, 2003, p. 469)⁶⁰.

Portanto, a reconciliação que seria o fim do domínio da natureza não está acima desta, mas mediatizada nela mesma. “O gênio que interrompe o ciclo de domínio e natureza, não é de todo diferente a esta, mas que tem com ela aquela afinidade sem a qual, como sabia Platão, não é possível a experiência do outro” (ADORNO, 2003, p. 471)⁶¹.

⁵⁷ GS 11, S. 484

⁵⁸ Denn Entmythologisierung ist selber nichts anderes als die Selbstreflexion des solaren Logos, die der unterdrückten Natur zur Rückkunft verhilft, während sie in den Mythen eins war mit der unterdrückenden. GS 11, S. 486-487

⁵⁹ GS 11, S 487

⁶⁰ GS 11, S. 487

A autorreflexão do princípio de dominação da natureza é fundamental para que se possa liberar o que está sob seu poder. Assim, a identidade nunca pode ser total, é preciso que sobreviva a defasagem entre o espírito ordenador e a natureza a ser ordenada. O espírito em vez de se hipostasiar como o primeiro e último precisa conviver com sua negatividade. O fato de ordenar não pode significar imperar ao preço da própria felicidade, a natureza que permanece, em nós, reprimida. Para liberá-la, é necessário que se faça a síntese se mover, que se enfrente a eterna aporia entre o pensamento e o pensado. Com isto destruiríamos o mito. Por isto, tais reflexões trazem a marca de uma intervenção prática. A coragem do pensamento, que tanto Adorno quanto Hölderlin inspiram, pode ser mais bem expressa num verso deste último: “Vem, pois! Para contemplarmos o espaço aberto, para buscarmos algo de próprio, por longe que esteja” [So komm! Dass wir das offenescauen, Dasein Eigenes wirsuchen, soweit es auchist.] (Hölderlin, 1991, p. 252-253)

⁶¹ Der Genius, welcher den Kreislauf von Herrschaft und Natur ablöst, ist dieser nicht ganz unähnlich, sondern hat zu ihr jene Affinität, ohne welche, wie Platon wußte, Erfahrung des Anderen nicht möglich ist. GS 11, S. 490